

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MÁRCIO DE MELLO RODRIGUES

**MOBILIZAÇÃO DE REDES E DA TRADIÇÃO LOCAL PARA A INOVAÇÃO:
ESTUDO DE CASO DA EMPRESA CHIMAFÁCIL**

**Porto Alegre
2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MÁRCIO DE MELLO RODRIGUES

**MOBILIZAÇÃO DE REDES E DA TRADIÇÃO LOCAL PARA A INOVAÇÃO:
ESTUDO DE CASO DA EMPRESA CHIMAFÁCIL**

Monografia submetida ao
Departamento de Sociologia para obtenção
do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. Daniel Gustavo Mocelin

**Porto Alegre
2018**

CIP - Catalogação na Publicação

Rodrigues, Márcio
MOBILIZAÇÃO DE REDES E DA TRADIÇÃO LOCAL PARA A
INOVAÇÃO: ESTUDO DE CASO DA EMPRESA CHIMAPÁCIL /
Márcio Rodrigues. -- 2018.
51 f.

Orientador: Daniel Gustavo Mocelin.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Nova Sociologia Econômica . 2. Inovação. 3.
Indústria Criativa . I. Gustavo Mocelin, Daniel,
orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

A Banca Examinadora resolveu atribuir o conceito ao aluno Márcio de Mello Rodrigues na atividade de ensino Trabalho de Conclusão de Curso em Sociologia, pela apresentação deste trabalho.

Professor 1
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professor 2
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professor 3
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Aos pais, Verônica e Fábio, agradeço o apoio emocional que os cobrei indiretamente diversas vezes durante este período, a postura exemplar de dedicação e responsabilidade, que tenho como modelos à nível pessoal, e a promoção, sob um custo sem igual, de um ambiente possível para o meu desenvolvimento. Espero um dia conseguir retribuir e demonstrar com atitudes a gratidão que possuo por eles. Dedicar especial agradecimento a uma segunda metade de mim, pois não seria o que sou sem a sua contribuição. Muito obrigado Lola por estar comigo nos momentos mais importantes da minha vida. Cito a contribuição do Professor Daniel Mocelin, que me ofereceu, durante a graduação, coordenadas a serem seguidas, dando real sentido a palavra orientador, desde muito antes deste trabalho ser elaborado. Ao Professor Sandro, que muito agregou através de suas aulas em minha formação. Aos colegas Diogo Serafim, Pedro Melo, Régis Barcelos e Victor Ávila, além de tantos outros, que pelo convívio durante a bolsa, oportunizaram momentos de conhecimento igualmente importantes para minha graduação. Há inúmeros outros agradecimentos, mas estes serão feitos, com muito prazer, presencialmente.

“O que importa não é o homem que critica ou aquele que aponta como o bravo tropeçou, ou quando o empreendedor poderia ter atingido maior êxito. Importante, em verdade, é o homem que está na arena, com a face coberta de poeira, suor e sangue; que luta com bravura, erra e, seguidamente, tenta atingir o alvo. É aquele que conhece os grandes entusiasmos, as grandes devoções e se consome numa causa justa. É aquele que, no sucesso, melhor conhece o triunfo final dos grandes feitos e que, se fracassa, pelo menos falha ousadamente, de modo que o seu lugar jamais será entre as almas tímidas, que não conhecem nem a vitória, nem a derrota”

[Theodoro Roosevelt]

RESUMO

O estudo coloca-se no debate a respeito da inovação tecnológica a partir da nova sociologia econômica (NSE). O objeto de estudo é a empresa ChimaFácil, empreendimento que atua no segmento do mercado tradicionalista através da criação de um cevador de erva-mate. O objetivo central é investigar as redes estabelecidas por esses agentes e as suas estratégias de ação para consolidarem seu mercado. Este estudo valerá deste caso para explorar a tradição cultural funcionando como subsídio para novas práticas e produtos orientados a adaptá-los às condições. Buscará identificar os laços que estão atrelados ao empreendedor e compreender em que medidas estes laços são mobilizados e alocados. Como hipótese deste trabalho, considera-se que empreendimentos intensivos em conhecimento estão fortemente apoiados em redes de colaboração, que propiciam fluxos de informações e relações de confiança entre diferentes agentes econômicos.

Palavras-Chave: Inovação, Redes, NSE.

ABSTRACT

The study focuses on the debate on technological innovation from the new economic sociology (NSE). The object of study is the institutional arrangements in which the innovative initiatives are inserted, and the ties that involve the entrepreneurial agent. The main objective of this study is to investigate the extent to which these arrangements contribute to the formation of links between economic actors. As unit of analysis is the initiative Chima Fácil, company whose product changes cultural paradigms related to the gaucho tradition. This study intends to investigate the socioeconomic phenomena of technologically based companies, to identify the ties that are linked to the entrepreneur and to understand in what measures these ties are mobilized from the institutional arrangements in which they are allocated. As a hypothesis of this work, it is considered that knowledge-intensive enterprises are strongly supported in collaborative networks, which provide information flows and trust relations between different economic agents, stimulated by institutional arrangements appropriate to such interactions.

Palavras-Chave: Innovation, Networks, Institutional Arrangements.

LISTRA DE QUADROS E TABELAS

Figura 1 - Modelo Hélice Tríplice.....	p. 19
Figura 2 - Diagrama de Granovetter.....	p. 22
Figura 3 – Mapa das duas metades no RS.....	p.25
Figura 4 – Distribuição dos Polos Tecnológicos no RS.....	p.28
Figura 5 – Distribuição Nativa de Erva-Mate na Região Sul.....	p.29
Figura 6 - Cadeia Produtiva da Erva-Mate.....	p.30
Figura 7 - Mapa Conceitual.....	p.34
Figura 8 – Instruções de Uso.....	p.35
Figura 9 – Nuvem de Palavras (Jornais).....	p. 36
Figura 10 - Preparando Chimarrão com ChimaFácil.....	p.37
Figura 11 Participação dos sócios no programa Shark Tank. Saulo(esq.) e Fabrício(dir).....	p. 39
Figura 12 - Participação dos sócios no programa Shark Tank. Saulo(esq.) e Fabrício(dir).....	p. 40
Figura 13 - Nuvem de Palavras (Entrevista).....	p.41
Figura 14 – Linha do Tempo.....	p.42
Tabela 1 - Os Cinco Componentes Relevantes Para O Estudo De Caso.....	p.31

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. DEBATES CONCEITUAIS	16
2.1 ELEMENTOS DA INOVAÇÃO	16
2.2 TEORIA DAS REDES E O DIAGRAMA DE GRANOVETTER.....	22
3. ENTENDENDO O RIO GRANDE DO SUL.	24
3.1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA.....	24
3.2 O REFLEXO HISTÓRICO NO ATUAL RS.....	26
3.3 O CHIMARRÃO COMO UM ARTEFATO CULTURAL	28
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
4.1 ESTUDO DE CASO	31
4.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	32
4.3 DESCRIÇÃO DA TÉCNICA EMPREGADA	32
5. CASO DA EMPRESA CHIMAFÁCIL	35
5.1 A IDEIA	35
5.2 O INCENTIVO SHARK TANK.....	36
5.3 A ENTREVISTA.....	38
6. CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

O estudo coloca-se no debate a respeito da inovação tecnológica a partir da nova sociologia econômica (NSE). O objeto de estudo é a empresa ChimaFácil, empreendimento que atua no segmento do mercado tradicionalista através da criação de um cevador de erva-mate. O objetivo central é investigar como as redes são estabelecidas por esses agentes e as quais suas estratégias de ação para consolidarem mercado. Como unidade de análise tem-se o discurso dos empreendedores vinculados à Chima Fácil, empresa cujo produto altera o modo de preparo da bebida mais identitária do RS, a saber, o chimarrão.

De maneira resumida, pode-se relatar o empreendimento como sendo de pequeno porte intensivo em conhecimento, incubado no parque tecnológico da universidade La Salle em Canoas, originada a partir da criação de um dispositivo cevador que facilita a elaboração da bebida acima referida. Em que pese a praticidade oferecida pelo produto, a mesma lida e apropria-se de elementos enraizados na identidade cultural a respeito do gaúcho. Ao se propor estudar tal fenômeno, faz necessário abordar pontos relativos à inovação e às redes dos agentes, assim como, dado o contexto no qual está inserido tal iniciativa, o estado do RS.

Um dos aspectos, sob o ponto de vista sociológico, que torna o empreendimento um objeto de estudo a ser explorado é a conexão existente entre tradição cultural e inovação. Na literatura especializada, é comum encontramos este binômio numa relação de oposição, em que elementos tradicionais barram processos inovadores. No caso abordado por este trabalho, há uma inédita apresentação de relações possíveis: a tradição cultural pode funcionar como subsídio para novas práticas e produtos orientados a adaptá-los às condições atuais.

A relevância do tema reside, em seu nível macro, na busca de uma nova agenda para os próximos anos, frente ao desgaste de modelos extrativistas (VERDUM, 2009), e o processo de desindustrialização da economia brasileira (POCHMANN, 2016). Com efeito, há um crescente número de debates em torno de pautas habilitadas a abraçar novos paradigmas produtivos e colocar a economia brasileira em um novo patamar. A esta nova agenda, conceitos associados à inovação e ao empreendedorismo são apontados como a saída para as dificuldades econômicas encontradas em diversos países como o Brasil, pois

tais fenômenos socioeconômicos estão fortemente apoiados em processos de conhecimento e aprendizagem capazes de gerarem, dentre outras coisas, uma economia robusta e diversificada. Por outro lado, em seu nível micro, a um desajuste econômico desde os anos de 1990 no estado gaúcho, que dá claros demonstrativos de seu endividamento público e sua incapacidade de gestão para funções mais essenciais, como a segurança e educação. Em parte, este quadro evidencia o já referido processo de desindustrialização. No RS, segundo o autor Schmitz (1997), em estudo divulgado pela Fundação de Economia e Estatística (FEE), a indústria local possui características calcadas em atividades com baixo valor agregado, sob forte influência das tradições familiares e apresentando um número majoritário de empresas de pequeno e médio porte.

Conforme Abramovay (2009), a NSE surge para problematizar os pressupostos neoliberais que, atrelados ao contexto do século XIX, tratam questões da área econômica sob a perspectiva estritamente racional. Afirma-se, portanto, que a NSE compreende as ações econômicas de modo distinto daquele visto pelos clássicos autores da economia, pois as considera como fenômenos sociais propriamente ditos, passíveis de interesses, valores e circunstâncias como tais. No Brasil, em que pese este segmento estar em consolidação dado a forte tradição de outras áreas da sociologia, já existem diversas obras e autores disponíveis orientados a este tipo de abordagem que favorece as transformações nas economias capitalistas modernas. Essas transformações estão intrinsecamente ligadas a construção de paradigmas produtivos voltados a produção e difusão de conhecimento, já que este último é entendido como um dos principais fatores econômicos modernos. Conforme o relatório divulgado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) no ano de 2011, a alternativa para o crescimento econômico, frente a crise disseminada a partir do ano de 2008, é constituir a economia cuja base produtiva esteja o conhecimento. Dessa forma, a ciência, a tecnologia e a inovação seriam desencadeados.

A inovação, tratada desde as décadas iniciais do século XX como um fenômeno a ser estudado, tem sido abordada por diversos autores face sua dimensão para o desenvolvimento econômico. Conforme Lemos (2000), a inovação é a busca pela descoberta, experimentação, desenvolvimento, imitação e adoção de novos produtos processos e novas técnicas organizacionais. Um dos principais autores é Schumpeter (1982), dado o seu pioneirismo e capacidade de descrever como os recursos direcionados a novas formas de produção e ganho financeiro resultavam em benefícios ao

empreendimento e a sociedade, bem como modificar os ditames produtivos vigentes. Outros autores valeram-se dessa contribuição primeira e alimentaram o debate, tal como Freeman (2008), que se destaca por compreender que a inovação é condição necessária para empresas e governos sobreviverem, dado a concorrência e as oscilações de mercado, e oferecer o conceito de Sistema Nacional de Inovação (SNI). Consoante Andrade (2005), estimulado por fatores relacionados a globalização da economia e a flexibilização de formatos organizacionais envolvendo empresas, centros de pesquisa e agências estatais, a concepção do SNI vem nessa corrente em que é possível processos de interações entre diferentes esferas (empresa-estado-pesquisa), atribuindo papéis fundamentais para os estabelecimentos de ações conjuntas entre diferentes atores. Por último é necessário salientar Etzkowitz (2009), que lança as bases do modelo reconhecido como hélice tríplice. Segundo essa proposta, deve haver relações institucionais entre universidade-estado-indústria, esperando que dessa troca haja como fruto uma cooperação e inovação.

Há diversos casos concebidos sob a condição da hélice tríplice, tendo como referência maior, os parques tecnológicos e incubadoras, tal como a instituição que abriga o empreendimento em estudo, já que essas instituições nasceram destinadas a promoverem maior integração entre as figuras universidade-estado-empresário. Conforme Barcelos e Mocelin (2016), em que pese a realidade da universidade pública possuir resistência a este tipo de iniciativa, já existe um movimento interno que procura associar a instituição a sua terceira missão, essencial para sua sobrevivência na atual sociedade do conhecimento (AUDY, 2017).

A literatura, portanto, revela um grau de relevância às redes, entendidos nesse conceito como sendo as formas de constituição laços que os agentes mobilizam e estão envolvidos, transmitindo informações e conhecimento por meio desse. Logo entidades, sejam elas centros de pesquisa e educação, como as universidades, as empresas e os organismos públicos, como sendo figuras representativas do estado, se unem em torno do objetivo maior, qual seja, criação de um *ecossistema* propício à inovação. Uma demonstração do que se pretende demonstrar foi observada pela socióloga Maciel (1996), a qual se debruça sobre o desenvolvimento da terceira Itália, no pós-guerra. Com uma abordagem que auxilia a dimensão sociocultural da inovação, a autora ao estudar este referido exemplo, concluí que para compreender o desenvolvimento apresentado pela região, não se pode limitar-se a visualizar o volume de investimento realizado em P&D, uma vez que a chave deste processo reside na criação de um ambiente inovativo, em que

elementos como capacidade estética, heranças culturais, governos regionais e municipais e associações de pequenas empresas familiares forneceram espaços fecundos a nova forma produtiva. Segundo Andrade (2005), O que se passa na Terceira Itália não resulta de fatores cuja dimensão são quantitativos, há na verdade uma mudança qualitativa, em diversas esferas. São dessas pontes criadas entre as diferentes esferas que surge diálogos plurais e criativos. Nesse sentido, o estudo realizado pela autora ressalta a importância do meio no qual originam-se os empreendimentos e como as novas formas de representação política e participação social, da mesma forma como uma nova organização da produção e das relações capital/trabalho, estimulam a inovação.

O caso da ChimaFácil carrega consigo elementos culturais bem arraigados no seio da sociedade constituída no RS. O chimarrão, bebida que identifica o gaúcho no Brasil, é um traço cultural cuja transformação e modificação sofrem resistência junto daqueles que seguem o rito tradicional. Essa resistência apresentada aos agentes do caso estudado, faz com que seja necessário estratégias alianças com empresas e marcas já conceituadas, capazes de abrir mercado para as inovações propostas pela iniciativa. É interessante pensar a formação do estado e a construção identitária da bebida nesse sentido.

Com o objetivo geral investigar as redes estabelecidas por esses agentes e as suas estratégias de ação para consolidarem seu mercado, este estudo se valerá do estudo de caso a respeito do ChimaFácil para explorar os fenômenos socioeconômicos das empresas de base tecnológica (EBT), com o incremento da observação das EBT's no mercado regional. Buscará identificar os laços que estão atrelados ao empreendedor e compreender em que medidas estes laços são mobilizados e alocados. Por problema de pesquisa propriamente entende-se a questão relativa ao modo pelo qual os agentes conseguem atuar no nicho de mercado tradicional? Como hipótese deste trabalho, considera-se que empreendimentos como o ChimaFácil, que são intensivos em conhecimento, estão fortemente apoiados em redes de colaboração (GRANOVETTER, 1985), que propiciam fluxos de informações e relações de confiança entre diferentes agentes econômicos. Dado a capacidade dos agentes de transitar diferentes redes por meio de laços junto à universidade e ao mercado, esses são capazes de promover o desenvolvimento a médio e longo prazo dessas iniciativas, mantendo relações em distintos grupos.

A despeito dos aspectos metodológicos, o atual trabalho, enquadrado como estudo de caso, conterà informações sobre pontos que circundam a empresa em questão, trazendo

por meio de fontes secundárias reportagens e matérias jornalistas que noticiam o empreendimento. A entrevista qualitativa semiestruturada dará espaço ao discurso do agente, em que será perpassaram, na já referida entrevista exploratória, variáveis de análise, tais como Trajetória e aspirações profissionais; Exposição informações; Redes de colaboração; e Origem do negócio. Acredita-se poder expor condições favoráveis aos fenômenos socioeconômicos imbuídos nas redes de colaboração com os discursos dos agentes a despeito das condições e fatores propícios e/ou não à inovação.

Como estrutura, o trabalho adota em seu segundo capítulo uma abordagem que dá ênfase a literatura especializada, demonstrando conceitos basilares para aquilo que se pretende investigar contextualizando o debate teórico acerca de elementos relacionados à inovação e ao empreendedorismo. No terceiro capítulo trago algumas informações a despeito da formação territorial do Rio Grande do Sul e da construção cultural que envolve o chimarrão. O quarto capítulo terá sua atenção voltada para os aspectos metodológicos. O quinto capítulo haverá a exposição e análises das entrevistas e dos conteúdos encontrados em jornais digitais e no site da empresa, com o intuito de triangular informações sobre a empresa. O sexto capítulo será concluído o trabalho, tomando como base um apanhado geral do que foi desenvolvido até então.

2. DEBATES CONCEITUAIS

Este trabalho circunda diferentes ideias com a finalidade de conseguir abordar o objeto de estudo em sua totalidade. Neste segmento conceitual, pontos tais como “*o que é a inovação?*” e “*quais as teorias e modelos construídos para estimular a inovação?*” serão perpassados, com o intuito de compreender melhor este arcabouço teórico. Também haverá uma abordagem do conceito de Granovetter sobre teoria de redes e a noção de laços fracos/laços fortes. Este autor contribui para o entendimento das relações sociais como estratégias de alianças interpessoais. Com esta dimensão, é possível relacionar como agentes mantêm vínculos com distintos nichos de rede, favorecendo o trânsito entre espaços outros.

2.1. Elementos da inovação

Ao se estudar aspectos relacionados à inovação, corre-se o risco de perder na complexidade do assunto. Procurando eliminar este risco, pode-se elencar alguns exemplos empíricos que demonstram em que espaço insere-se a inovação. Já não é hoje, por exemplo, que as sociedades procuram estabelecer diversos padrões ligados a qualidade de vida, como mobilidade urbana, disponibilidade de bens de consumo, arborização urbana¹ e outros aspectos que indicam uma melhor convivência com os grandes centros urbanos. As grandes metrópoles começam a indicar uma maior preocupação com os dejetos urbanos e buscam tornar-se cada vez mais limpas e ecológicas. Esse movimento não pode ser entendido de maneira isolada, pois há nele uma maior conscientização sobre a finitude dos recursos, alterações de valores culturais e novos parâmetros sendo estabelecidos. Eventos recentes, como o acordo de Paris em 2016, demonstram que caminhamos para a chamada Revolução Industrial Verde (GOODMAN; SORJ; WILKINSON, p.38, 2008). Há um consenso crescente de buscar alternativas capazes de continuar atendendo as demandas de consumo, e simultaneamente tornar-se sustentável do ponto de vista ecológico. No meio deste movimento a inovação é encarada como a chave para o sucesso deste empreendimento.

As formas de vida são constantemente alteradas por um conjunto infindável de produtos e de processos. Algumas inovações surgidas entre a metade do século XIX e início do século XX condicionaram fortemente a vida cotidiana, a produção e as formas de uso de bens. (SCHMIDT, p.16, 2012)

¹ Processo de plantar árvores em centros urbanos;

Inovação também está relacionada a chamada sociedade do conhecimento (GUIMARÃES, PECQUEUR; COURLET, p.31, 2015). Este conceito ressalta que as atuais sociedades estão orientadas para modelos socioeconômicos que privilegiam o conhecimento, a criatividade e a inovação. Inovar tem por significado introduzir algo de diferente, fazer algo distinto daquilo que vem sendo feito. Dado a sua complexidade, há vários recortes capazes de serem feitos para definir a inovação segundo a literatura disponível. O fato deste processo receber diversos tipos de abordagens contribuir para uma multiplicidade de definições para conceito, mantendo o jogo em aberto ainda hoje. Para Schumpeter (1988) a tecnologia possui capacidade de propor os ditames produtivos e gerar o crescimento econômico, mas para tanto se faz necessário uma conjunção de esforços, na medida em que inovação nos moldes atuais requer conhecimento, aprendizagem e interação (BARROS, CLARO, CHADDAD, 2009, p. 1443).

A transição para o capitalismo intensivo em conhecimento excede a estratégia individual das empresas. Isso envolve o estabelecimento em nível regional de uma série de elementos (infraestrutura e outros insumos) nos quais as empresas podem confiar. (GUIMARÃES, PECQUEUR; COURLET, p.32, 2015)

Tem-se, portanto, que a inovação compõe, de maneira fundamental, as sociedades modernas e que é um processo que depende de atores sociais distintos e de suas respectivas interações, salientando as características institucionais em que ocorre essas interações. Emergem formas e teorias a respeito dos novos modelos organizacionais, tal como a Tríplice Hélice (ETZKOWITZ, 2005) e as redes de cooperação empresarial (BALESTRIN, VERSCHOORE, 2008), assim como exemplos de conjugação de esforços das mais variadas esferas institucionais em prol das iniciativas inovadoras. Assim, há uma dinâmica social intrínseca e profundamente ligada a inovação e que seus resultados estão para além de indicadores econômicos, mas também gerando condições para sociedades voltadas para estes processos em rede.

Diferentes autores se referem como ambiente inovador (Lemos, 2000), hélice tríplice (ETZKOWITZ, 2005), sistema nacional de inovação (Freeman, 2008), meio (Maciel) e outros. Sabe-se que não existe transplante institucional, e que os modelos abordados por cada um desses autores, ainda que sejam a referência para diversas iniciativas, terá variações situadas nos contextos e conjunturas locais. Poderá ser visto neste segmento que há mais de uma possibilidade para o surgimento da inovação, e este trabalho visa dar espaço para que essas variações relacionadas ao conjunto apareçam. Portanto, longe de

objetivar uma receita a ser seguida ao pé da letra, quer-se antes, demonstrar que há mais de uma maneira desenvolvimento em diferentes realidades sociais.

Na medida em que inovar requer, nos moldes atuais, conhecimento aprendizagem e interação (BARROS, CLARO, CHADDAD, 2009, p. 1443), se faz necessário um conjunto de esforços capazes de promover tais processos intrínsecos. Salerno (2008) e Cassiolato & Lastres (2000) também assumem uma posição de que há um caráter interativo na inovação, em que para obter novos produtos e processos, distintos atores sociais precisam atuar. Surgem, nesse sentido, teorias e modelos que dão conta desta proposta a partir de modelos organizacionais.

Uma das principais propostas nessa corrente é o Sistema Nacional de Inovação (SNI), encabeçado por Freeman (2008), mas que possui outros autores como Ludvall (1992) e Nelson (1993). O autor encara a inovação como condição necessária para empresas e governos sobreviverem, dado a concorrência e as oscilações de mercado. Segundo Andrade (2005), a década de 1980 fez com que surgisse um novo enfoque de análise, estimulado pelos novos fenômenos como a globalização da economia e a flexibilização dos formatos organizacionais envolvendo empresas, agências estatais e centros de pesquisa, logo a formação e o desenvolvimento de redes passaram a ser um tema central das pesquisas sobre inovação. Esta abordagem evidencia a capacidade que existe na ação conjunta de instituições, agentes econômicos e mecanismos de colaboração, de maneira que o país como um todo consiga conceber condições para a criação, avanço e difusão de inovações tecnológicas. Esses atores estão indicados nas figuras do Estado, Universidade/Centro de Pesquisa e Empresas.

De maneira resumida, o enfoque principal do SNI considera a inovação e a aprendizagem como aspectos cruciais, se bem que as empresas sejam a espinha dorsal do SNI, estas não inovam sozinhas pois a inovação é um processo interativo e, portanto, o enfoque propõe a interação dos diferentes atores e instituições que participam no complexo processo coletivo. A diferença entre o modelo linear de inovação que enfatizava especialmente a geração de inovações e o SNI reside no fato em que neste último a difusão é mais importante que a geração de inovações. (FERREIRA NETTO;ANTUNES;VAINSTOK, p.18, 2001)

O Estado seria responsável pela execução e estímulo de políticas públicas voltadas ao binômio Ciência & Tecnologia (C&T). Já as Universidades e Centros de Pesquisa devem preocupar-se em gerar e disseminar o conhecimento por meio de pesquisas científicas. Enquanto as Empresas que são competentes para a transformação deste conhecimento científico em um produto. Percebe-se que este é um movimento que

privilegia os papéis na promoção do desenvolvimento econômico, tendo como pilar a troca entre diversos campos.

Etzkowitz (2009) notabilizou-se ao propor um modelo semelhante ao SNI, porém com adaptações na dinâmica entre os atores. A hélice tríplice, assim definida pelo autor, configura um modelo que serviu de inspiração para diversos parques e incubadoras, em especial pela associação que existe entre o referencial teórico e a iniciativa do Vale do Silício. Semelhante na interação existente entre universidade-estado-indústria, esperando que desta troca haja um desenvolvimento econômico e social, seu rompimento com o modelo antecessor acontece principalmente no fluxo realizado pelo conhecimento entre as esferas. Antes, somente se dava tal fluxo em uma única direção: da pesquisa básica para a inovação. Com isso, a inovação industrial também consegue influenciar a própria pesquisa básica (DA LUZ; KOVALESKI; JUNIOR, 2012).

Figura 1 - Modelo Hélice Tríplice



Fonte: Adapt. de Etzkowitz e Leydesdorff, 2000.

Outro ponto especialmente relevante é as novas funções que a universidade começa a assumir, representada pela fase da universidade empreendedora (ETZKOWITZ e CHUNYAN, 2017, p. 24), em que o espaço acadêmico deve ter como meta o bem-estar do meio na qual está inserida e não estar limitada a produção do conhecimento. Segundo Rosenfield e Almeida (2015) a perspectiva proposta dá destaque ao fluxo e os processos de comunicação entre cada uma das hélices – universidade, empresa e governo. Este modelo reconhece a incerteza das relações, o fluxo constante de entrada e saída de atores

e os conflitos que caracterizam melhor as redes de inovação. O modelo conforme a Figura 1, pressupõe quatro processos de transformações (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 2000): o primeiro diz respeito a transformações internas das hélices, ao surgimento de ligações laterais entre companhias e a incorporação do papel de desenvolver a economia pela universidade; o segundo processo é o transbordamento institucional de influência sobre as demais camadas entre si; o terceiro, criam-se interfaces capazes de possibilitar associações voluntárias na sociedade civil, ligações trilaterais, redes e organizações entre hélice; e o último processo é o próprio efeito causado por tais redes interinstitucionais sobre o núcleo de cada esfera, da mesma forma como sobre a sociedade civil. É justamente na junção destas esferas que há uma janela para figuras institucionais híbridas, que facilitem o processo de inovação. Logo, há um esforço para que cada uma dessas esferas desloque seu campo de atuação, saindo daquilo que seria considerado sua zona de conforto, gerando aí o que vem a ser chamado de conflito. Por de trás dessas instituições híbridas encontra-se entidades, como parques tecnológicos e incubadoras, nas quais fornecem ecossistemas propícios à inovação e ao empreendedorismo (ETZKOWITZ; CHUNYAN, 2017, p.25). E, em que pese este modelo ser considerado universal, seus resultados podem variar no espaço e no tempo.

Estes modelos que almejam uma aliança entre diferentes ativos transparecem algumas similaridades e, em mais de uma maneira, dialogam entre si. Um outro modelo com igual reconhecimento na área da inovação, é o chamado desenvolvimento da terceira Itália. E para este caso, embora haja autores como Piore e Sabel (1984) e Ramella (2010), que também contribuem para a investigação do caso italiano e procuram explicações para o seu modelo organizacional, desenvolvido no contexto pós-II guerra, este trabalho se valerá do estudo realizado *in-loco* pela pesquisadora sociologia Maciel (1996), dado os detalhes do que se passou no país europeu e sua capacidade relacionar tais fatos dentro da perspectiva sociológica em sua obra *O milagre italiano: caos, crise e criatividade*.

A região da terceira Itália é assim alcunhada em contraste entre a primeira Itália, região noroeste do país, onde fica as principais indústrias nacionais, cidades desenvolvidas e ricas, e a segunda Itália, região sul, em que é reconhecida pela atividade agropastoril, baixo desenvolvimento e pobre economicamente se comparada a primeira Itália. Lugares como as províncias de Bolonha, Florença, Ancona, Veneza, Milão Turim e Genova, eram regiões onde o tipo das atividades desenvolvidas ali se baseava

fortemente nas famílias lá estabelecidas e era relacionada a fabricação de calçados, cerâmica, têxtil, implementos agrícolas, autopeças, máquinas, ferramentas e uma infinidade de produtos agroindustriais, assim como turismo e à indústria de vinhos.

Quando os habitantes do norte dizem, com desprezo, que a África começa na altura de Roma, estão se referindo não apenas a uma diferença econômica entre o norte rico e industrializado e sul pobre e agrícola, clichê conhecido e repetido por todos observadores superficial. Estão também aludindo a um estilo de vida e à infusão do caldo de cultura mafiosa. (MACIEL, p.36, 1996)

Frente a situação de déficit público, conjunto de um mercado informal crescente, evasão fiscal, fruto da tentativa frustrada de reorganização após a segunda guerra mundial, houve uma forte crise na Itália como um todo, afetando inclusive aquelas grandes indústrias localizadas nas regiões ricas do país. Com as reformas liberais, um fluxo cada vez maior de trabalhadores qualificados que saem desses complexos industriais e vão para as províncias da chamada terceira Itália. Simultaneamente a este fluxo, entre as décadas de 70 e 80, iniciativas descentralizadas e localizadas em prefeituras e microrregiões, tiveram como janela de oportunidade a crise institucional e econômica para, a partir de ações cooperativas, criar consórcios e fundos de investimento, que possibilitaram as melhorias no maquinário e na qualificação para a mão de obra que ali se encontrava. Lá, consoante Maciel (1996), pequenas e médias empresas familiares, localizadas em uma região com pouco destaque no cenário econômico, experimentaram um salto de produtividade aliada com a qualidade de design.

Segundo Balestrin e Veschoore (2008), a região que se tornou famosa como Terceira Itália, valeu-se da proximidade dessas pequenas empresas, capacidade para atender as mais específicas das demandas, dado a sua herança artesanal, P&D e as instituições internas que deram apoio necessário para tal produção obter êxito na exportação. Há, portanto, uma alteração de cunho qualitativo, em diversas esferas, oportunizando um ambiente fecundo a iniciativas inovadoras. É dessa constituição de ambiente de inovação, especialmente propício para arranjos institucionais e diálogos entre empresas, governos e incubadoras de forma plural e criativa, o que em outros países não se deu na mesma intensidade, que surge o caso italiano (Andrade, 2005).

Percebe-se, ao observar a literatura especializada, que situações de sucesso, tais como a terceira Itália e os modelos SNI e hélice tríplice, procuram ativar alianças entre atores distintos, valendo-se de características e peculiaridades locais para gerar condições

propicias a inovações tecnológicas e/ou produtivas. Por trás desses arranjos institucionais, há um fluxo de informações e interações entre agentes.

2.2. Teoria das redes e o diagrama de Granovetter

Com os eventos entorno da globalização e da relevância adquirida pela informação, o estudo das redes ganhou destaque dentro do debate acadêmico, em especial pela sua capacidade de abordar os laços e os fluxos de conhecimento (FIALHO,2015). Considerando as diferentes disciplinas que lidam com a noção de redes (VERMELHO; VELHO;BERTONCELLO, 2015), fica explícito que esta perspectiva privilegia aspectos das relações sociais (LOPES, BALDI, 2005), mas é com Granovetter (1975), que há uma consolidação na análise de redes como metodologia científica (PEIXOTO; EGREJA, 2012).

O autor oferece um arcabouço teórico rico no sentido de investigar as estratégias de alianças pessoais que os agentes realizam, entendendo que ações no campo econômico, por exemplo, estão permeadas pelas relações sociais que a pessoa possui. O que salienta Granovetter (1985) é que tais relações não se dão de maneira indistinta: há pessoas mais próximas com as quais se compartilha valores, objetivos e outras experiências e outras com as quais, apesar de existir ligação, não possuímos laços tão estreitados. No primeiro caso o que existem são laços fortes, no último são os chamados laços fracos.

Em seu artigo posterior *The Strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited* (1983), Granovetter revê alguns dos conceitos de 1974, observando que os chamados “Laços Fracos” são fundamentais para a disseminação da inovação, por serem redes constituídas de indivíduos com experiências e formações diversas. (KAUFMAN, p. 208, 2012)

Outra particularidade na perspectiva concebida por Granovetter é a importância dos chamados laços fracos para dinâmicas de rede, pois essa ligação enfraquecida

Figura 2 - Diagrama de Granovetter



Fonte: Adaptado de Granovetter, 1985.

possibilita uma maior circulação de novas informações, enquanto que as ligações fortalecidas a tendência é se fechar sobre si mesmos (OLIVEIRA; SOUZA;CASTRO, 2014).

Portanto, sob o propósito de que as dinâmicas internas de um determinado grupo alcance outros grupos, se faz necessário membros daquele capaz de criar pontes para esse, uma vez que assim será possível interligar diferentes redes. Conforme Kaufman (2015), laços fracos podem ser entendidos como a base para uma sociedade mais integrada e coesa, em que a informação tenha fluxo de modo contínuo, sem ficar enclausurada dentro de um mesmo grupo. Isso possibilita maiores interações, trocas e inovações.

Granovetter ressalta uma das fragilidades deste tipo de elo enfraquecido, residindo o mesmo na credibilidade inicial. Como implicação, laços fracos tendem a não serem capazes, por exemplo, de estimular uma tomada de decisão.

Além de parentesco, quase todas as outras relações sociais iniciam-se a partir de laços fracos. Mesmo as relações de parentescos começam de laços fracos e é somente através dos encontros familiares frequentes e interações que é possível que esses laços se desenvolvam em relacionamentos mais fortes. (OLIVEIRA; SOUZA;CASTRO, p. 134, 2014).

Nesta lacuna dos laços fracos encontra-se a essência dos laços fortes, pois é a partir dela que relações de cooperação e reciprocidade alicerçam seus fundamentos, tornando-os estimuladores de confiança e troca de conhecimento intensivos (WU,2012).

Logo, é possível apontar as redes sociais como sendo uma dimensão relevante para a criação de novos processos e produtos, haja visto sua capacidade de intercambiar novas informações e conhecimentos diversos por meio de laços fracos, assim como, de modo intensificado, gerar alianças intensivas baseadas em confiança e reciprocidade, através de laços fortes.

O próximo capítulo terá como propósito abordar aquilo com que o objeto de estudo dialoga com elementos culturais considerados tradicionais para a trajetória e construção da identidade gaúcha. Nesse sentido, faz-se necessário investigar as características e peculiaridades da região onde as iniciativas inovadoras em estudo estão alocadas, ou seja, o Rio Grande do Sul, assim como do chimarrão.

3. ENTENDENDO O RIO GRANDE DO SUL

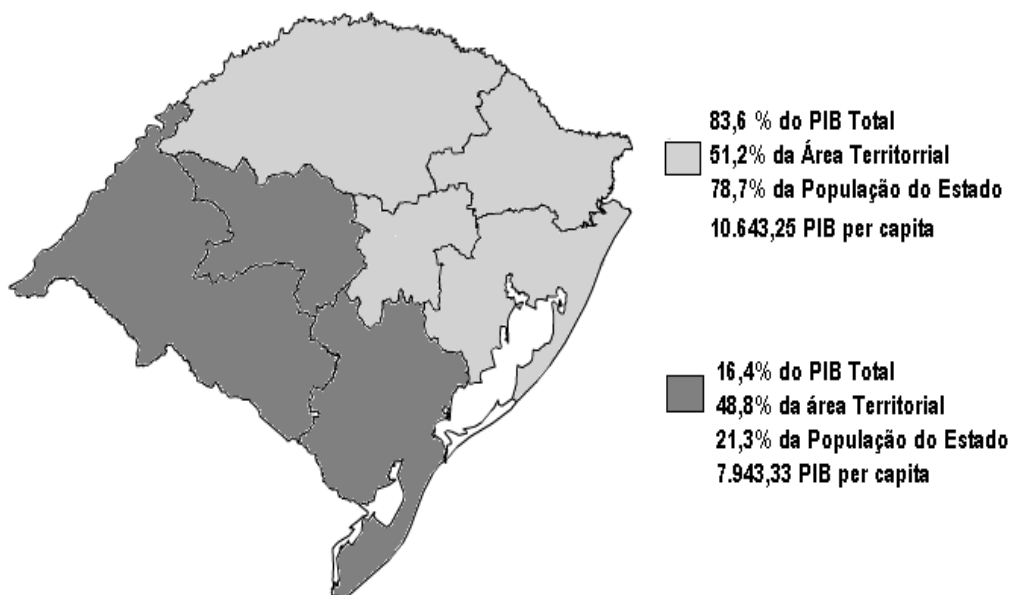
Interessado em compreender os meandros que situam o Rio Grande do Sul (RS) e a sua cultura, faz-se necessário identificar sua trajetória. Marcada por atenuantes, em diversos sentidos, o RS releva-se um estado peculiar. De sentinelas da América portuguesa a movimentos separatistas, o RS é um lugar excentricamente privilegiado ao considerarmos a história e sua distância com os grandes centros urbanos Rio-São Paulo. Este capítulo tem como propósito trazer luz sob aspectos históricos e culturais da formação do RS para compreender o pano de fundo em que o caso do ChimaFácil está inserido.

3.1. A construção histórica

Conforme Kuhn, a população aqui constituída teve influência de diversas origens, em momentos diferentes de seu curso (Kuhn, 2011, p. 11). A exemplo do que diz Pensavento (1997), o território compreendido como o atual RS teve seu desenvolvimento inicial retardado pelo desinteresse da coroa portuguesa, na medida em que as os principais atrativos (prata e produtos tropicais) aqui não estavam presentes. Por um período, somente jesuítas espanhóis seriam a presença europeia na região. Com a descoberta de ouro em Minas Gerais, o RS inicia a sua integração ao complexo econômico do eixo sudeste no Brasil. Também é notório o baixo desenvolvimento industrial na metade sul do Rio Grande do Sul. Em parte, tal desequilíbrio explica-se pela formação socioeconômica que lá se deu: fator interessante para o desenvolvimento da região, é a criação, em 1737, do forte militar na hoje cidade de Rio Grande, visando os embates com os castelhanos e consolidação da presença lusitana naquelas proximidades do Rio da Prata (KUHNS, 2011, p.18). A região da Campanha e Fronteira Oeste, portanto, cujo o cenário de confrontos nos limites territoriais era constante, acabou por instituir um modelo pecuário extensivo, que se valeu do gado presente na região para produção de couro e charque, comercializado com a região sudeste. Essa autonomia, que vem sendo destacada com o poderio militar e o papel de guarnecer o espaço português, se encontra presente naquilo que Silva (2010), destaca como *ethos ibérico de fidalguia*: na medida em que o dono da terra nem sempre está presente na lide do campo, dado as responsabilidades da fronteira, há um intermediário entre quem de fato produz e quem é o dono das terras. Isso contribui para a onerosidade da produção e a dificuldade de aumentar a produtividade.

Veja na figura, que, em pese a metade sul ser quase a metade do território gaúcho (48,8%), essa parte do solo é responsável tão somente por menos de um quinto do PIB do estado (16,4%). Por outro lado, há uma concentração demográfica grande na outra metade do território, pois a população presente nessa região fica beirando os 80 por cento (78,7%).

Figura 3 – Mapa das duas metades no RS



Fonte: FIERGS (2003)

Implícito fica, portanto, que a metade norte do mapa teve seu desenvolvimento de outro modo. Se havia grandes latifúndios, encabeçados por indivíduos ligados a defesa militar, na fronteira oeste, um grande contingente populacional começa a ser introduzido na região, seja por açorianos (séc. XVIII), mas em especial por alemães e italiano (séc. XIX). A imigração contribuiu fortemente para o desenvolvimento da região e conforme o autor Targa (2002) os grupos que aqui vieram a se estabelecer trouxeram consigo experiências diferentes daquelas que poderia ser visto até então.

Eles trouxeram na sua bagagem um estilo de vida e de trabalho que o Rio Grande do Sul não conhecia anteriormente. Isto estremeceu a sociedade meridional tornando-a única e original no Brasil seu contemporâneo. Estes imigrantes estão na origem do terceiro setor mercantil da economia meridional, o das pequenas propriedades rurais com suas vilas e cidades. E se, no Sul, a simples existência deste setor já estabelecia por si só uma diferença basilar com a economia paulista, é preciso levar em conta, sobretudo, o papel que ele jogou na crise de mão-de-obra do setor escravista meridional. Ora, este setor, lugar do trabalho familiar dos imigrantes europeus (desde seu início um lugar de trabalho cujo produto se destinava ao mercado e onde era interdita a utilização do trabalho escravo) atraía os imigrantes que desembarcavam no Rio Grande do Sul. O porto de chegada era a cidade de Rio Grande, porto vizinho de Pelotas, cidade esta que concentrava a maior parte das maiores e mais ricas charqueadas gaúchas. A assalariar-se nas charqueadas, a população migrante

que desembarcava preferia deslocar-se para o norte da Província, onde teria acesso à propriedade da terra e aos meios de vida. A crise de mão-de-obra do setor charqueador deveu-se assim, em grande parte, à existência do setor de pequenas propriedades. (TARGA, 2002, p. 5)

Nesse referido processo, implantaram um sistema de produção de pequena propriedade rural, propiciando a esses mesmos imigrantes a possibilidade de estabelecer-se pelos seus próprios meios de produção industrial, que embora em pequena escala, facilitou o processo de desenvolvimento econômico e populacional da região. Assim sendo, a diferença que atualmente é registrada entre essas duas regiões, em parte, explica-se por conta dessa construção histórica.

3.2. O reflexo histórico no atual RS

Em termos atuais, frente a um desajuste fiscal, gerando incapacidade de gestão para funções essenciais, como a segurança e educação, o RS vive um processo de desindustrialização prematura. É possível encontrar diversos casos de empresas locais que, visando adquirir competitividade no mercado, transferem sua produção para outros países. A característica prematura é registrada pois este fenômeno econômico é típico em economias desenvolvidas, que transferem a mão de obra desses setores produtivos para uma esfera em que haja maior intensidade tecnológica, alocando recursos e pessoas em processos produtivos de maior valor agregado. Segundo Bresser (2011), as reformas liberalizantes dos anos 90 e a pauta exportadora focada em commodities contribuíram para este cenário.

O advento do Plano Real, período que antecede o deste estudo, assinalou um cenário de abertura comercial, valorização de moeda estrangeira e elevadas taxas de juros que trouxeram por consequência redução de custos e aumento da produtividade, acarretando a diminuição drástica em postos de trabalho principalmente na indústria. (FURTADO; SOUZA; ZANINI, p. 187, 2015)

Dado a história bacharelesca² e a crise desses setores tradicionais, o RS, que conta com inúmeras instituições de ensino superior de qualidade nacional e internacional, procura explorar tal traço a seu favor e romper com uma resistência que existe entre academia e setor produtivo. Nesse sentido, tais instituições têm procurado diversificar a

² (CRUZ; MARTINS, 2006): Refere-se a relevância atribuída às faculdades, especialmente a de Direito, que serviam de modo de distinção entre a população e a elite brasileira. Disponível em ref.scielo.org/vj3g6c

oferta de ensino, fomentando cursos voltados à tecnologia da informação. Simultaneamente, é possível visualizar parcerias com o estado e municípios gaúchos no sentido de consolidar polos industrial-tecnológicos, alicerçados em iniciativas como incubadoras e parques tecnológicos, especialmente na região metropolitana. Parques como o Tecnosinos, no município de São Leopoldo, é um bom exemplo do que se pretende sustentar: ao contar com uma parceria entre governo municipal e estadual, universidade e grupos empresariais, o parque coloca a região como um dos principais pontos de inovação no Brasil, abrigando empresas de reconhecimento internacional da área e estimulando iniciativas outras em suas incubadoras. Segundo o Jornal do Comercio, em uma notícia publicada no ano de 2017, o parque abriga 94 empresas, gerando diretamente 4,5 mil empregos e faturando cerca de 2,5 bilhões de reais³. Conforme a *Figura 4* evidência, há uma certa distribuição em tais polos, mas é notório a concentração na região metropolitana de Porto Alegre (RMPA).

As diferenças entre a metade sul e metade norte não ficam só no campo econômico. Culturalmente, o modo de vida instituído nessas duas regiões não é semelhante. Para se ter um parâmetro a respeito do que quer se dizer, pode-se citar os tipos ideais construídos no sentido de compará-los. Por exemplo, a figura que foi generalizada para denominar quem nasceu no RS, o gaúcho, teve sua construção realizada sob inspiração do ideal da metade sul, alcunhado por Silva (2010), como *ethos ibérico de fidalguia*. Ao retomar tal imagem de homem livre, aliado a seu cavalo, cuja liberdade e natureza o compõe, o gaúcho que protege fronteiras só de fato possui algum fundamento observado o contexto histórico (LUVIZOTT, 2010). Por outro lado, na metade norte, teve como construção máxima a figura do colono imigrante trabalhador. Seja italiano ou alemão, o colono sempre está associado a imagem do pequeno produtor que, ao desbravar regiões, pode desenvolver lugares inabitáveis anteriormente, instituindo a pequena indústria e o princípio de um sistema educacional (SEYFERTH, 2004). Ainda que esses tipos ideais de fato não existam nos tempos atuais, suas características serviram de moldes durante anos para o desenvolvimento das diferentes regiões.

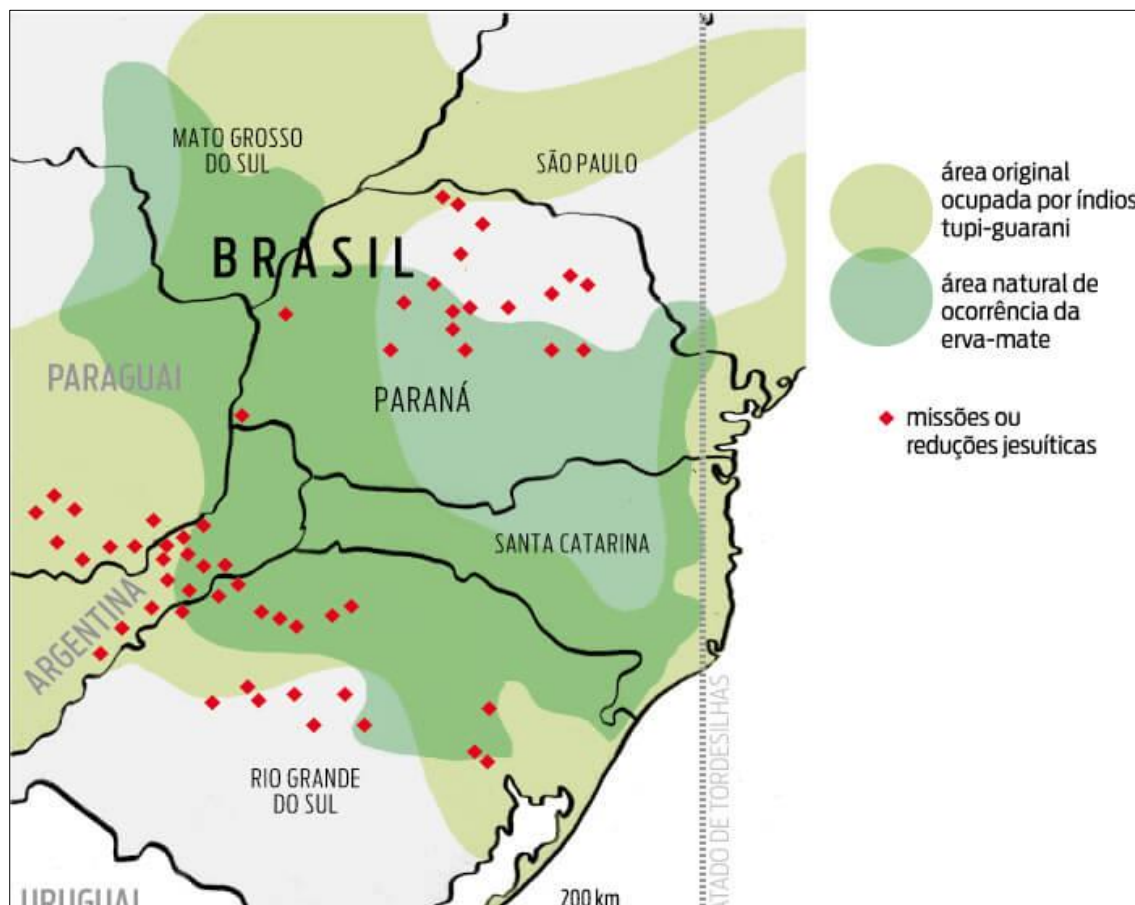
³ KNEBEL, Patricia. Tecnosinos prepara sua expansão e aguarda área - Jornal do Comércio (http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2017/08/economia/582564-tecnosinos-prepara-sua-expansao-e-aguarda-area.html) acessado 30/04/18 às 15:57.

encontra-se concentrado em agentes relacionados ao Centro de Tradições Gaúchas (CTGs) e Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG).

A representação criada pelos primeiros tradicionalistas de um CTG como espaço campeiro, a busca da reprodução das características do campo, a união dos membros em torno de um fogo de chão para se confraternizar, tomar chimarrão, contar causos, por exemplo, teria por objetivo proporcionar a construção de uma sociabilidade e um sentido de coletividade entre os mesmos, algo que pudesse diferenciá-los dos demais e que fosse elemento de defesa diante dos outros. (LUVIZOTT, p. 48, 2010)

O mercado do chimarrão no Brasil estruturou-se em torno das ervateiras. Essas, por sua vez, surgiram a partir do século XIX de maneira mais industrial com a chegada de imigrantes ao sul do Brasil explorando as capacidades comerciais do produto nas regiões em que a erva era nativa (DE VASCONCELLOS, 2012). Até meados de 1930, o Brasil abastecia o mercado consumidor da Argentina. Com um movimento mais sistemático para atender o consumidor interno, Argentina passa de importadora a exportadora em cerca de 30 anos, gerando efeitos na produção nacional da erva (FERNANDES, 2017).

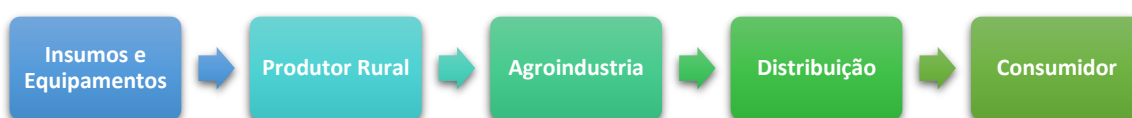
Figura 5 – Distribuição Nativa de Erva-Mate na Região Sul



Fonte: Gazeta do Povo – Disponível em: gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais

Segundos dados do IBGE (2010), cerca de 80% das propriedades rurais que produzem erva-mate ocupam menos de 20 hectares; 61% da produção de erva-mate no Brasil encontra-se localizado no estado do RS; dessa produção local, 95% abastece o consumidor interno, enquanto o restante divide-se entre exportação para outros estados como Paraná e Santa Catarina, ou mesmo outros países, como o Uruguai. Com base nos estudos realizados pela FEE em 2014, a cadeia produtiva da erva-mate passa pelas etapas de insumos e equipamentos, produtor rural, agroindústria, distribuição e consumidor, conforme a ilustração a seguir:

Figura 6 - Cadeia Produtiva da Erva-Mate



Fonte: Adaptado FEE (2014)

Observando trabalhos vinculados a unidade de estudos econômicos do sistema FIERGS⁴ é possível destacar a característica da pequena propriedade rural para as atividades agrícolas relacionadas a erva-mate. No ano de 2016, municípios de Ilópolis e Arvorezinha concentraram cerca de 43,2% da produção total da erva no RS (FIERGS, 2016).

Em relação a análise da cadeia produtiva da erva mate para chimarrão, observou-se que, o ciclo produtivo da mesma envolve vários segmentos, desde a produção da matéria prima até chegar ao consumidor final. Assim, percebe-se que esta atividade contribui significativamente para a geração de emprego, renda e desenvolvimento econômico, incentivando a industrialização e proporcionando a expansão do mercado no decorrer dos últimos anos. (FEE, p.13, 2014)

Uma vez observada a configuração, ainda que superficialmente, econômico e cultural do estado, ficam compreensível as características conservadoras e tradicionais do RS. Haja visto as bases socioeconômicas do território estarem alicerçadas em atividades de baixo valor agregado e fortemente vinculados às redes familiares, a resistência a novidades torna-se previsível no universo que envolve elementos culturais. Assim, ao oferecer um novo produto dentro deste nicho de mercado, os agentes por de trás da iniciativa ChimaFácil desafia o senso comum e procura estabelecer-se a partir de suas próprias redes, a fim de enfrentar eventuais desconfianças.

⁴ Disponível em <http://www.sindimaters.com.br/pagina.php?cont=estatisticas.php&sel=9> . Acessado 10/06/18, às 16:34.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste segmento trataremos a despeito do método e das técnicas aplicadas para a concretização deste estudo sobre as redes e seus respectivos laços mobilizados pelos agentes. Falar-se-á do método escolhido, a saber, estudo de caso, e posteriormente das técnicas de pesquisa empregadas neste trabalho, tais como análise de conteúdo e entrevista semiestruturada. O trabalho também contará com um levantamento de informações sobre a iniciativa ChimaFácil junto de fontes secundárias para integrar melhor sobre o processo de origem da empresa e a criação do produto. É possível encontrar jornais digitais que reportam a participação dos sócios em um dos programas de reality show Shark Tank do canal fechado Sony. A partir dessa participação, jornais locais deram espaço para a iniciativa em estudo, sendo essas fontes de informação para entender como o produto foi tratado junto a opinião pública e perceber sua aceitação.

4.1 Estudo de caso

Este trabalho opta por uma metodologia qualitativa, realizada através de entrevistas semiestruturadas, com tendo em vista privilegiar uma abordagem do tipo estudo de caso. Objetiva-se enquadrar o trabalho em uma perspectiva que oferece melhores condições de análise para os fenômenos contemporâneos, cujo contexto do cotidiano e o grau de complexidade, exigem uma investigação capaz de preservar as características holísticas e significativas dos eventos (YIN, 2005).

Tabela 1 - Os Cinco Componentes Relevantes Para O Estudo De Caso

COMPONENTES	Questões do Estudo	Explica os fatores que deram surgimento ao material a ser estudado, respondendo perguntas do <i>como</i> e <i>por que</i>
	Proposições de Estudo	Define premissas para trazer uma orientação a pesquisa
	Unidade de Análise	Estabelece o que é o “caso”
	Lógica que une os dados às Proposições	Relaciona os dados coletados com as proposições anteriormente definidas

Critérios para interpretar as constatações

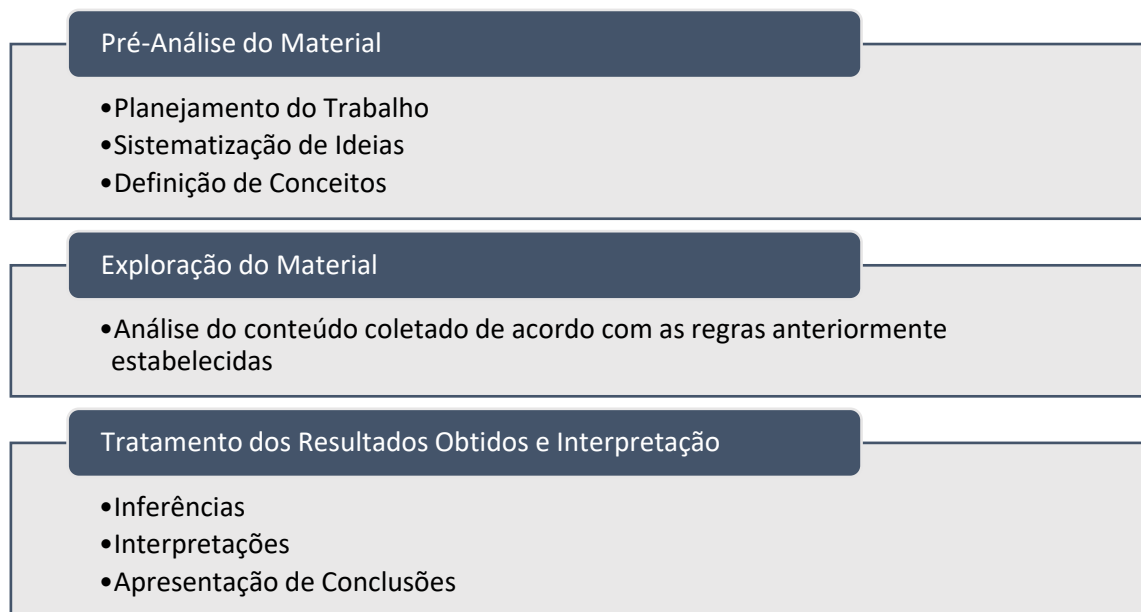
Esclarece os critérios utilizados para obter as conclusões sobre o que foi estudado

Fonte: Adaptado pelo autor da obra Estudo de caso: planejamento e métodos, de Robert Yin (2005).

Ao utilizar uma metodologia orientada para o estudo de caso, espera-se conseguir analisar o objeto de maneira mais completa possível, valendo-se de reportagens e conteúdos disponível na internet e buscando triangular tais informações com outras obtidas entre consumidores via Facebook, e o próprio agente entrevistado.

4.2 Análise de conteúdo

Essa técnica tem por atributo a investigação das mensagens, buscando, de modo sistemático, atingir resultados objetivos acerca desse conteúdo (DE ROCCHI, 2014). Consta como peculiaridade no emprego dessa técnica a orientação empírica, exploratória, vinculada a fenômenos reais e de finalidade preditiva (CAMARA, 2013).



4.3 Descrição da técnica empregada

Elaborou-se um questionário base, contendo algumas questões, cujo objetivo seria traçar o perfil da iniciativa encontrada na região metropolitana, assim como obter informações a respeito dos empreendedores em questão. Dentre aspectos a serem

questionados durante a entrevista semiestruturada consta-se pontos relativos a Qualificação, Idade, Setor, indo até a indicação de fatores para a localização da empresa e Instituições relevantes para o negócio. Acredita-se que tal questionário consiga identificar características dos empreendedores e das suas respectivas iniciativas, elucidando quais são, do ponto de vista do empreendedor, as estratégias utilizadas para a mobilização das redes e quais seriam essas redes relevantes para o seu negócio. Com estes dados em mãos, foi possível analisar o discurso do empreendedor a despeito desses itens. Houve um levantamento de informações sobre a iniciativa ChimaFácil junto de fontes secundárias para integrar melhor sobre o processo de origem da empresa e a criação do produto. É possível encontrar jornais digitais que reportam a participação dos sócios em um dos programas de reality show Shark Tank do canal fechado Sony. A partir dessa participação, jornais locais deram espaço para a iniciativa em estudo, sendo essas fontes de informação para entender como o produto foi tratado junto a opinião pública e perceber sua aceitação.

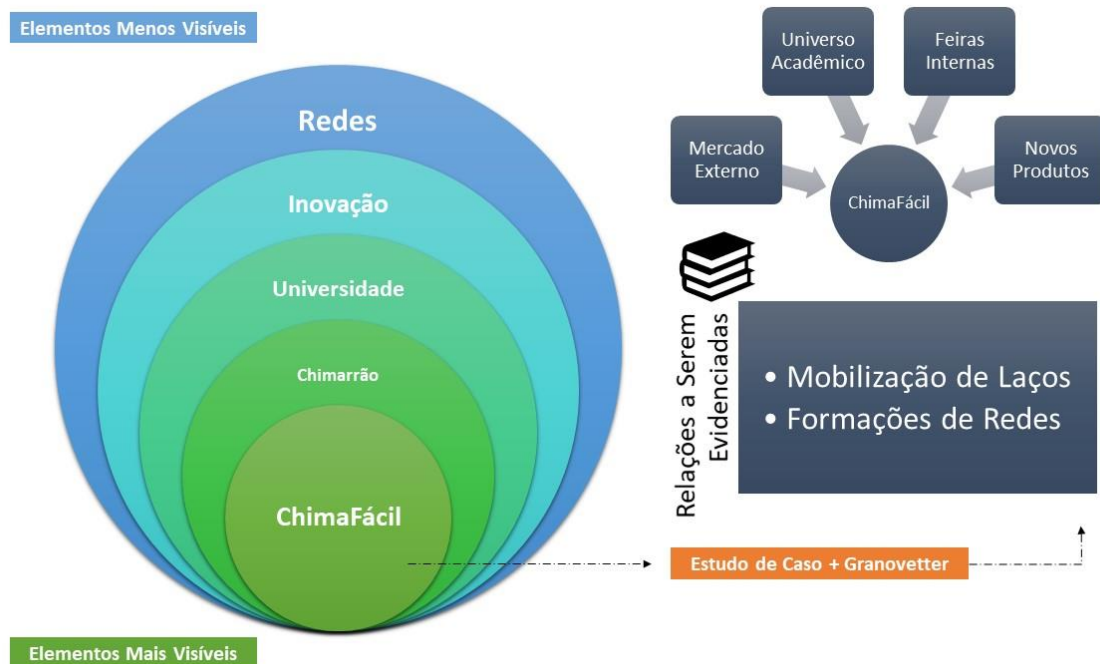
Este empreendimento será capaz de trazer mais elementos com relação as trajetórias pessoais dos agentes, a maneira como os empreendedores lidam com as redes, a mobilização de laços para melhor inserção de sua iniciativa em diferentes nichos de redes, a relação inovação *versus* cultura tradicionalista, aceitação do público em geral e as instituições como família e universidade operando junto a este contexto.

O método científico, além de permitir produzir ciência, facilitar o intercâmbio de resultados e sua avaliação, tem outro aspecto que é, justamente, o de inibir a criatividade e a formulação de soluções diferentes e originais para os problemas tratados. (GUTIERREZA, p.92, 1986)

Por último, foi utilizado o recurso disponível no pacote Office 2017 chamado Pro Word Cloud a fim de, através deste aplicativo, criar diferentes nuvens de palavras: do entrevistado, dos comentários contidos no Facebook e das reportagens encontradas nos jornais locais. Como escopo encontrou-se cerca de 2.674 palavras, dentre as quais houve um processo de filtragem para manter somente adjetivos ou substantivos que possam ser de fato relevantes para a análise. Logo, preposições e artigos, por exemplo, foram retirados, além de outros termos técnicos, tais como “curtir”, “compartilhar”, contidos em sites e em publicações reiteradas vezes. Acredita-se poder expor condições favoráveis aos fenômenos

socioeconômicos imbuídos nas redes de colaboração com os discursos dos agentes a despeito das condições e fatores propícios e/ou não à inovação.

Figura 7 - Mapa Conceitual



A Figura 7 exibe um mapa conceitual cuja função é elucidar as etapas da investigação e peças em jogo neste trabalho. A iniciativa ChimaFácil aparece como o elemento mais visível, mas ao mergulharmos dentro do universo que a envolve, percebe-se outros elementos imbricados no empreendimento, tal como o Chimarrão, sendo este a expressão em forma de artefato da cultura regional, abarcando aspectos tradicionais e históricos vinculados ao costume. Em outro nível, há a Universidade representando contextos associados a pesquisa, desenvolvimento, ciência e conhecimento. Posteriormente, a Inovação relaciona-se ao conjunto de ações voltadas a novos processos e produtos no mercado. Por último, como elemento menos visível, existem as Redes, que possibilitam os agentes empreenderem a fim de resgatar a cultura tradicionalista às camadas menos imersas neste campo e proporcionam gerenciarem, em menor ou maior grau, os elementos descritos acima. A partir do estudo de caso e da contribuição de Granovetter, o atual trabalho é capaz evidenciar as relações ligadas a mobilização de laços e a formação dessas redes.

5. O CASO DA EMPRESA CHIMAFÁCIL

A marca ChimaFácil vive uma ascensão intensa, apesar de completar cerca de 12 meses desde sua efetiva criação. Composta pela sociedade de dois professores universitários – Fabrício e Saulo -, na cidade de Canoas, a iniciativa se dá em torno de um cevador que promete tornar mais simplificado a realização da bebida identitária dos gaúchos, o chimarrão. Através da participação do reality show Shark Tank Brasil⁵, a iniciativa obteve não só um aporte inicial de 70 mil reais, mas também destaque junto aos jornais locais. A empresa insere-se dentro da órbita da cadeia produtiva do chimarrão mediante uma lacuna do mercado, vislumbrando o resgate de elementos da cultura tradicional adaptado aos termos e condições atuais. No caso em vista, há uma inédita apresentação de relações possíveis: a tradição cultural pode funcionar como uma subvenção para as novas práticas e produtos orientados a adaptá-los às novas condições.

5.1. A ideia

Inseridos dentro da realidade acadêmica como professores universitários junto da universidade La Salle, Fabrício, cuja formação se deu em Design, aliou-se a Saulo, graduado em Engenharia de Produção, para idealizar um produto capaz de remeter a experiência do chimarrão ao turista que passasse a degustar a bebida enquanto aqui estivesse. Houve alguns protótipos nesse sentido, porém dado a inviabilidade comercial o projeto primeiro não foi a frente. Em que pese tal evento, a vontade de tornar o chimarrão acessível a outras pessoas sem a mesma habilidade ou conhecimento regional permanecerá presente, fazendo com que os dois colegas voltassem a pensar possibilidades. A partir protótipo primeiro, com a evolução de ideias e testes, os sócios

Figura 8 - Instruções de Uso



Fonte: Retirado do site chimafacil.com.br

⁵ Programa televisionado transmitido pelo canal Sony em sinal fechado. A ideia é que os empreendedores apresentem suas propostas de negócios aos “tubarões”. Caso sua apresentação e negócio sejam aceitos pelos jurados, estabelece uma sociedade por meio de investimento.

aqueles que não possuem prática. Dado as diferentes notas jornalísticas acerca do empreendimento, foi possível elaborar uma nuvem de palavras sobre as notícias veiculadas nos meios digitais, conforme a Figura 9.

Conforme a Figuras 10 a seguir, o vídeo demonstra na prática como fazer um chimarrão com o ceifador criado pelos professores universitários.

Para muitos, o chimarrão é o símbolo mais vivo da tradição gaúcha no dia a dia. Mas e se mesmo depois de muita prática o seu mate sempre fica entupido, desmorona ou simplesmente não dá certo? Com a ideia de atender esse público, e também as dezenas de turistas de outros estados que compram cuias e bombas e encontram o souvenir na prateleira por não conseguir fazer um bom “amargo”, que professores da Universidade La Salle lançaram o ChimaFácil. O instrumento é uma plaquinha feita de plástico ou metal que se adapta a diversas cuias e é garantia de um “mate perfeito”. Foram dois anos entre a ideia inicial e protótipo final que foi lançado esse ano.

(Diário de Canoas, 2017)

Figura 10 – Preparando Chimarrão com ChimaFácil



Através de um contato via e-mail pode-se obter uma entrevista semiestruturada com um dos sócios, Fabrício. Nessa entrevista, contando com um roteiro com 14 itens a serem perpassados, deu-se espaço para que o entrevistado relatasse sobre a composição da sociedade, o surgimento da empresa, as trajetórias pessoas, redes de contatos e a percepção do agente sobre figuras como instituições de pesquisa e organizações públicas.

5.3 A entrevista

No início da entrevista, coletou-se dados pessoais a respeito do entrevistado, Fabrício, e seu sócio Saulo. Pode-se constatar que sua idade, 36 e 35 respectivamente, qualificação, em que ambos se encontram doutorandos em engenharia de produção pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em que pese as graduações serem para o Fabricio Design, e para Saulo Engenharia Ambiental. Ao questioná-lo sobre outras experiências familiares com empreendedorismo, a resposta foi afirmativa para ambos os sócios, mas ressaltou que só conheceu seu sócio através da carreira docente na Universidade La Salle, em Canoas. Ao ser interpelado sobre a influência da família em sua decisão de seguir como empreendedor, Fabrício respondeu:

Sempre gostaria de empreender e de ter o meu próprio negócio, mas meu pai desejava que eu tivesse continuado o negócio da família né [...]. Saí da faculdade já por uma linha de não ser funcionário de agência. Acho que tudo é aprendido né? Tava no meio da faculdade então isso era com 20, 21, 22 anos então era a princípio ainda [...], tu encontra colegas de faculdade e comenta sobre abrir uma empresa só que tu não tem noção nenhuma porque dentro desses cursos da área do bacharelado, ali do Design, eles falam da parte técnica não da parte de administração [...].

A despeito de possuir experiências anteriores, o entrevistado comentou sobre as rotinas administrativas do próprio negócio e disse que vai “*aprendendo com o tempo as coisas. Então acho que hoje em dia favorece para tu saber*”.

Fabrício chamou a atenção para o fato de sua formação técnica ter auxiliado no início de sua atuação profissional, pois segundo o mesmo, *eu acho que o que me facilita bastante aqui é o meu segundo grau ele é técnico em contabilidade. Isso facilita bastante coisas da faculdade. Me lembro que meus colegas não sabiam o quanto cobrar para fazer um trabalho e eu já tinha noção de precificação e essas coisas. Assim eu acho que é esse o segundo grau em contabilidade ele facilita nessa parte mais do controle financeiro.*

Sobre o espaço universitário e as vantagens que oferecem estar junto de uma incubadora, Fabrício foi incisivo ao comentar que *a universidade é um ambiente propício para fazer as conexões. Eu falo pros meus alunos que eles não se dão conta muitas vezes do espaço em que eles estão inseridos e o quanto eles estão sendo observados pelos próprios colegas. Daqui a pouco, pinta uma vaga de estágio, então colega pode indicar alguém. Ele vai indicar um cara que só sai da sala? Ele não vai botar o que não tá*

fazendo nada né? Então acho que esse é o ambiente universitário é muito propício. O entrevistado falou que é mais interessante para eles manter essa relação com a universidade e sua respectiva incubadora pois é a partir dela que se dá de modo facilitado diversos processos, tais como “validação dos produtos”, “obtenção de mão de obra qualificada”, “proximidade com o público-alvo”, caracterizando tais vantagens como “fundamentais”.

Estando incubado a gente acelera o processo de pesquisa, estando ligado ao centro de pesquisa da Universidade. E mesmo que tu tens a orientação, mesmo a gente tendo a formação acadêmica, mestrado, doutorado, tendo a parte da pesquisa científica mais no nosso DNA, o negócio que a gente tá tocando é um negócio totalmente fora, diferente do que era o nosso dia a dia. Então isso é o desafio da gente poder daqui a pouco para curso de Nutrição, curso Engenharia de Produção, está trazendo pois não podemos tatear tudo ao mesmo tempo em todas as áreas. Então eles (incubadora) nos facilita bastante coisas assim de processos.

Ao ser questionado sobre a manutenção do seu negócio, e os caminhos necessários para permanecer atuando, o sócio considerou pontos para continuar expandindo o porte da iniciativa. Definiu como principal gargalho do seu negócio a rede de distribuição, percebendo como sendo um ponto a ser melhorado.

[...] entendendo essa lógica de como funciona, quem são os nossos influenciadores no mercado, tendo noção de como é que funciona, porque a gente está

Figura 11 - Participação dos sócios no programa Shark Tank. Saulo(esq.) e Fabrício(dir)



trabalhando numa linha que é o tradicionalismo, mercado tradicional, então a gente levou muita porrada das pessoas: ‘Ah então quem usa os produtos de vocês não é gaúcho!’ [...]. Tipo daí uma ervateria pega o nosso produto faz a amostra e daí todo mundo só fala bem. Quando é nós mostrarmos é outro tipo de aceitação. Daí a gente começa a ver o porquê. Os caras já têm know-how do negócio. então essas transferências de credibilidade nos viemos tentando trabalhar bastante porque assim sabe o produto é bom sabe. Durante uma ação na AACD percebemos que o produto até como tecnologia assistiva pode ser visto, algo que num primeiro momento a gente não tinha pensado. Essas redes são fundamentais.

Com relação a ter processos de P&D, ainda que externos, Fabrício discorreu sobre a atuação de parceiros com outras empresas e agentes, os quais percebidos através de “sinergias positivas” constroem o que o empreendedor considera como “fontes de P&D”. Para ilustra o que pretendia dizer, o entrevistado trouxe o exemplo de uma outra empresa que produzia mateiras⁶. Por meio desta, pôde expor seu produto na Expointer 2017⁷

Figura 12 - Participação dos sócios no programa Shark Tank. Saulo(esq.) e Fabrício(dir)



⁶ O termo está relacionado a bolsas desenvolvidas exclusivamente para o transporte de erva-mate, cuja é térmica.

⁷ Uma das maiores feiras de agrobusiness da América Latina, a qual é realizada anualmente na cidade de Esteio, RS.

diferente. Aqui, o povo Gaúcho já entende que se não é extremamente verde já tá fora do ponto. A Figura 13 apresenta uma nuvem de palavras proferidas durante a entrevista semiestruturada. Nela é possível conferir os substantivos que mais vezes aparecem durante a entrevista. Chama atenção a frequência de vezes em que a palavra *Argentina* e *Uruguai* aparecem através do interlocutor, ressaltando tais países como uma referência em termos de mercado para a iniciativa. Outras palavras como *Faculdade* e *Pesquisa* também são dignos de nota. A percepção, por parte do interlocutor, do ambiente universitário como um lugar relevante em mais de um sentido é algo a ser destacado. Assim como as relações profissionais - haja visto o relato do entrevistado e a formação da sociedade -, a proximidade com a universidade gera processos positivos ao negócio em si, tal como validação de produtos junto de um público-alvo, obtenção de mão de obra em nível superior e proximidade com múltiplos conhecimentos.

Dentre momentos favoráveis a relações de trocas e cooperação entre agentes, pode-se destacar durante a entrevista o relato sobre a distribuição do produto, apontada por Fabrício como um dos principais gargalos do seu próprio negócio. Nessa ocasião, o sócio evidenciou a relativa dependência para com outras empresas, em especial nos, assim alcunhados por ele, processos de *transferência de credibilidade*, sem os quais se torna difícil a inserção no mercado tradicional por fatores relacionados ao preconceito, por exemplo. Cito outro exemplo, presente durante a entrevista, no qual Fabrício comenta sobre a exposição do produto em uma das principais feiras de agrobusiness da América Latina – Expointer. A vitrine, ainda mais generosa dado a aparição do produto no programa *Shark Tank*, se dá a partir do laço existente com outra iniciativa relacionada a erva-mate.

Esses recortes trazem profundidade as intermediações realizadas pelos atores com o intuito de viabilizar negócios.

Figura 14 - Linha do Tempo



6. CONCLUSÕES

Consoante o desenvolvimento deste estudo de caso sobre o empreendimento ChimaFácil, procurou-se compreender as diferentes perspectivas da iniciativa ao longo dos capítulos, visando apropriar-se da melhor maneira sobre o objeto de estudo e tudo o que o envolve. Este estudo insere-se no debate sobre a nova configuração das economias mundiais, em que o surgimento de inovações cria diferenças competitivas capazes de dar sustentação a economias robustas e mesmo abrir novos mercados. No caso abordado por este trabalho, há uma inédita apresentação de relações possíveis: a tradição cultural pode funcionar como subsídio para novas práticas e produtos orientados a adaptá-los às condições atuais.

Como foi trazido pelo segundo capítulo, novos processos e produtos tendem a surgir dentro de contextos em que haja interações entre diferentes atores sociais. Tal preocupação gerou como frutos, inclusive, modelos institucionais que, ao buscar inspiração nesse tipo de literatura, visaram propiciar melhores dinâmicas internas entre agentes. De outro lado, ainda que existam tais arranjos institucionais, são os indivíduos que de fato realizam ações no sentido de trazer novidades no campo socioeconômico. Logo, a importância recai no ator em si e em como suas relações influenciam o referido campo. As redes sociais, segundo a literatura especializada, seriam o pano de fundo dessa circulação de informação.

No terceiro capítulo, entende-se as origens históricas do estado do RS, assim como o contexto e surgimento da figura identificada como gaúcho, vinculada a cultura tradicionalista. A metade sul, com o desenvolvimento orientados aos moldes do *ethos ibérico de fidalguia*, intensifica a construção identitária deste ser cultural, hoje muito mais presente por meio de CTGs e MTGs e associado a imagem de homem livre, aliado a seu cavalo, cuja liberdade e natureza o compõe. O chimarrão, em que pese ser cultivado de maneira indistinta pela população e suas origens que remontam as sociedades indígenas que habitavam a região, tem seu domínio simbólico relacionado a este tipo de movimento tradicionalista, sendo considerado um artefato cultural. Constata-se aí que, ao adentrar no mercado da erva-mate, ainda que de maneira indireta como faz o empreendimento ChimaFácil, são com estes elementos culturais que os agentes precisam lidar, e com este tipo de rede, considerada mais fechada, que os sócios Saulo e Fabrício necessitam interagir.

Os dados coletados por meio da entrevista evidenciam o surgimento da iniciativa, as trajetórias dos agentes e as maneiras encontradas para que a sua atividade continue crescendo. Para além da entrevista, buscou-se acesso a material secundário junto de jornais e mídias sociais, almejando cruzar dados que demonstrassem melhor o caso estudado. Com o tratamento devido, pode-se obter algumas constatações a despeito do objeto de estudo.

Bem como nas relações profissionais - haja visto o relato do entrevistado e a formação da sociedade -, a proximidade com a universidade gera uma série de efeitos positivos sobre negócio em si. A evidência de uma relativa dependência para com outras empresas, em especial nos processos de *transferência de credibilidade*, sem os quais se torna difícil a inserção no mercado tradicional por fatores relacionados ao preconceito, por exemplo, demonstram relações de cooperação entre agentes.

Nesse sentido, haja visto o objetivo geral de investigar as redes estabelecidas por esses agentes e as suas estratégias de ação para consolidarem seu mercado, foi possível identificar os laços que estão atrelados ao empreendedor e compreender em que medidas estes laços são mobilizados e alocados. Observado a hipótese deste trabalho, a saber, empreendimentos, como o ChimaFácil, intensivos em conhecimento, estão fortemente apoiados em redes de laços colaborativos, que propiciam fluxos de informações e relações de confiança entre diferentes agentes econômicos, mostrou-se válida. Não obstante, vide a capacidade dos agentes de transitar diferentes redes por meio de laços junto à universidade e ao mercado, a faculdade de promoção do desenvolvimento a médio e longo prazo dessas iniciativas mostra-se sólida, uma vez que as relações mantidas em diferentes grupos apoia positivamente tais ações.

A análise das redes orientada para a investigação das estratégias de alianças pessoais, observado a literatura em Granovetter, oferece contribuições para compreender relações sociais como sendo uma dimensão que permeia as ações dos agentes em diferentes campos, inclusive no campo econômico. Dentre as capacidades de análise desta teoria sobre o objeto de estudo, destaca-se a identificação das dinâmicas internas de determinados grupos sobre outros agentes, a competência para explicar a troca de informações intergrupos sob a perspectiva dos laços fracos e a eficácia a fim de esclarecer como laços estreitos melhoram as relações no sentido de cooperação e tomadas de decisões. Portanto, é possível apontar as redes sociais como sendo uma dimensão relevante para a criação de novos processos e produtos, haja visto sua capacidade de intercambiar novas

informações e conhecimentos diversos por meio de laços fracos, assim como, de modo intensificado, gerar alianças intensivas baseadas em confiança e reciprocidade, através de laços fortes.

Por outro lado, dentre as lacunas observadas por tal escopo teórico, ressalta-se a superficialidade da noção de confiança que, em que pese ser apontada como fundamental para a geração de laços fortes, aparece de maneira vaga na literatura consultada. Há também uma dificuldade em mensurar a intensidade dos laços entre os agentes de maneira objetiva, não sendo possível observar a frequência das relações estudadas.

É possível suscitar novos questionamentos, observando a literatura especializada e o caso estudado, visando ir além da identificação das relações em rede e incrementando a noção de confiança entre os agentes. Logo, perguntas como quais as intensidades dos laços mais produtivos para a inserção dos agentes em redes tradicionalistas? Como gerar confiança entre os atores em rede estudados? Quais as diferenças concretas entre relações baseadas em laços enfraquecidos frente aquelas relações alicerçadas em laços fortalecidos? Tais questionamentos poderão ser esclarecidos em uma continuação deste estudo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Anticapitalismo e inserção social dos mercados. *Tempo Social*, v. 21, n. 1, p. 65-87, 2009.

ANDRADE, José Célio Silveira; DIAS, Camila Carneiro. Alcances e Limites da Teoria dos Jogos para a Análise de Situações de Interdependência Estratégica entre Atores Organizacionais. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2002/ESO/2002_ESO1573.pdf&ved=0ahUKEwjbjL6J5unLAhWGFJAKHeziB_wQFgghMAA&usg=AFQjCNE4I30vD-1U4KbF6fODbmmR975TwQ, acessado em: 22/03/2016.

AUDY, JORGE. A inovação, o desenvolvimento e o papel da Universidade. *Estud. av.*, São Paulo, v. 31, n. 90, p. 75-87, May 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000200075&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Apr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.3190005>.

BALESTRIN, A., & VERSCHOORE, J. (2008). *Redes de cooperação empresarial: estratégias de gestão na nova economia*. Porto Alegre: Bookman.

BARROS, Henrique M.; CLARO, Danny P. and CHADDAD, Fabio R.. Políticas para a inovação no Brasil: efeitos sobre os setores de energia elétrica e de bens de informática. *Rev. Adm. Pública* [online]. 2009, vol.43, n.6, pp.1459-1486. ISSN 0034-7612. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122009000600011>.

BRESSER-PEREIRA, L. C.A taxa de câmbio no centro da teoria do desenvolvimento. 2011. Disponível em: http://www.bresserpereira.org.br/papers/2011/11.24.Macro_cambio_teorica_desenvolv_n_destin.pdf. Acesso em: 03 jan. 2013.

CAMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais, Rev. Interinst. Psicol.*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 jun. 2018.

CARDOSO, Fernando H. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional; o negro na sociedade do Rio grande do Sul*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLS, M.; CARDOSO, G.; CARAÇA, J.. *As culturas da crise econômica: introdução. Rescaldo?* In: *Crise e seus efeitos*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

COSTA, J. J. S. *Tópicos de pesquisa operacional*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1975.

DAVIS, M. D. *Teoria dos jogos: uma introdução não técnica*. São Paulo: Cultrix, 1973

DE ROCCHI, Giacomo. *Comunicação organizacional no gerenciamento de crise : estudo do caso “Rato na Coca-Cola”*. Monografia (Ênfase em Relações Públicas) – Universidade

Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/103378>. Acessado 12/06/18 às 16:07.

Desenvolvimento Tecnológico. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação – Brasília: CDT/UnB, 2013.

ELSTER, Jonh. Marxismo, Funcionalismo e Teoria dos Jogos: Argumentos em Favor do Individualismo Metodológico. Revista Lua Nova no.17. São Paulo, Junho/1989.

Estudo de Projetos de Alta Complexidade: indicadores de parques tecnológicos / Centro de Apoio ao

ETZKOWITZ, HENRY and ZHOU, CHUNYAN. Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo. Estud. av. [online]. 2017, vol.31, n.90 [cited 2018-04-19], pp.23-48. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000200023&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0103-4014. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.3190003>.

FERNANDES, José A.. Erva mate e frentes pioneiras: dois mundos em um só espaço (1945 a 1970). Curitiba/PR: Ed. Prismas, 2017

FERREIRA NETTO, Maria J. S.; ANTUNES, Adelaide M. S.; VAINSTOK, Otilia. A importância de um sistema nacional de inovação para o setor de termoplásticos no Mercosul. Polímeros, São Carlos , v. 11, n. 1, p. 16-26, Mar. 2001 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-14282001000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Apr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-14282001000100007>.

FIALHO, Joaquim. Pressupostos para a construção de uma sociologia das redes sociais. Sociologia, Porto , v. 29, p. 59-79, jun. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0872-34192015000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 abr. 2018.

FIANI, Ronaldo. Teoria dos Jogos - 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Campus. 2009.

FIERGS (FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL). Aspectos Socioeconômicos do RS. (2003). Disponível em <<http://www.fiergs.org.br>>

FREEMAN, Christopher. A Economia da Inovação Industrial. Campinas: Editora Unicamp, 2008

FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963

FURTADO, JULIANA HAETINGER; SOUZA, ADRIANO MENDONÇA; ZANINI, ROSELAINÉ RUVIARO. Análise do número de desempregos formais no Rio Grande do Sul. Estud. av., São Paulo , v. 29, n. 85, p. 187-199, Dec. 2015 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142015000300013&lng=en&nrm=iso>. access on 30 Apr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142015008500013>.

GOODMAN, D., SORJ, B., and WILKINSON, J. Da lavoura às biotecnologias: agricultura e indústria no sistema internacional [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. A apropriação industrial do processo de produção rural. pp. 6-49. ISBN: 978-85-9966-229-8. Available from SciELO Books

GRANOVETTER, Mark. The Strength of Weak Ties. *American Journal of Sociology*, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1985.

GUIMARÃES, Sonia Maria Karam (dir.) ; PECQUEUR, Bernard (dir.). Inovação, território, e arranjos cooperativos : Experiências de geração de inovação no Brasil e na França. Nova Edição. Marseille : OpenEdition Press, 2015. Disponível em : <<http://books.openedition.org/oep/360>>.

GUTIERREZ, Gustavo Luis. A metodologia científica e o estudo das organizações. *Rev. adm. empres.*, São Paulo , v. 26, n. 1, p. 91-96, Mar. 1986 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901986000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 24 Apr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901986000100009>.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estados @. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=rs&tema=lavourapermanente2012>. Acesso em: 10 abr. 2014.

KAUFMAN, D. A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 23, p. 207-218, jun. 2012.

KÜHN, Fábio. Breve História do Rio Grande do Sul. 3ª ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2011.

LASTRES, H.M.M; CASSIOLATO, J.E.e MACIEL, M.L. (orgs). Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local. Rio de Janeiro: Relume Dumará Editora, 2003.

LEMOS, Cristina. (2000), Inovação na era do conhecimento. *Parcerias Estratégicas*, 8 157-179.

LEMOS, Cristina. Inovação na era do conhecimento. *Parcerias Estratégicas*, 8: 157-179. 2000

LOPES, Fernando Dias; BALDI, Mariana. Laços sociais e formação de arranjos organizacionais cooperativos: proposição de um modelo de análise. *Rev. adm. contemp.*, Curitiba , v. 9, n. 2, p. 81-101, June 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552005000200005&lng=en&nrm=iso>. access on 18 June 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-65552005000200005>.

LOVE, Joseph. O Regionalismo Gaúcho e as Origens da revolução de 1930. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LUNDEVALL, B. - “National Systems Of Innovation. Towards A Theory Of Innovation And Interactive Learning”, Pinter Publishers, Londres (1992).

LUVIZOTTO, CK. As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-088-4. Available from SciELO Books .

LUZ, A. A.; KOVALESKI, J. L.; ANDRADE JÚNIOR, P. P.; PILATTI, L. A.; FRASSON, A. C. Environments synergy of knowledge and monitoring on Business in Incubators Base Technology – BIBTs. *Espacios*, v. 33, n. 2, p. 5-6, 2012. Disponível em: Acesso em: : <http://www.revistaespacios.com/a12v33n02/12330231.html> 22 de set. de 2012.

MACIEL, Maria Lucia. O milagre italiano: caos, crise e criatividade. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1996.

MARQUETTI, Adalmir Antonio. Ensaio sobre a Economia Gaúcha / Adalmir Antonio Marquetti, Duilio de Avila Bêrni. - Porto Alegre : FEE, 2013. 306 p.: il.

NASAR, Sylvia. Uma Mente Brilhante, Rio de Janeiro-São Paulo: Ed.: Record, 2002.

NELSON, R. – “National Innovation Systems. A Comparative Analysis”, Oxford University Press, Nova York (1993).

NOBREGA, C. Tudo está em jogo. *Revista Super Interessante*, São Paulo, p. 68-73, abr. 2002.

OLIVEIRA, Nivaldo; SOUZA, Donizeti Leandro de; CASTRO, Cleber Carvalho de. Análise sociométrica da rede de relacionamento das bibliotecas que constituem o Consórcio das Universidades Federais do Sul-Sudeste de Minas Gerais. *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte , v. 19, n. 1, p. 130-148, Mar. 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362014000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 18 June 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-99362014000100009>.

OLIVEIRA, Sibeles Vasconcelos de; WAQUIL, Paulo Dabdab. Dinâmica de produção e comercialização da erva-mate no Rio Grande do Sul, Brasil. *Cienc. Rural*, Santa Maria , v. 45, n. 4, p. 750-756, abr. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84782015000400750&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 maio 2018. Epub 11-Nov-2014. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-8478cr20140276>.

PESAVENTO, Sandra J. História do Rio Grande do Sul. 8ª Ed. Porto alegre: Mercado Aberto, 1997.

PIORE, M. e SABEL, C. The Second Industrial Divide: possibilities for prosperity. Nova York: Basic, 1984.

POCHMANN, M. Brasil sem industrialização: a herança renunciada [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016, 187 p. ISBN 978-85-7798-216-5. Available from SciELO Books .

POLIZELLI, Demerval L.; OZAKI, Adalton M. (org) Adalton M. Ozaki... [et al.]. Sociedade da informação: os desafios da era da colaboração e da gestão do conhecimento - São Paulo: Saraiva, 2008.

RAMELLA, Francesco. Sociologia dell'innovazione econômica. Bologna: Il Mulino, 2010.

RIGO, Luana. Análise do Mercado da Erva-Mate no Brasil e no Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/201405267eeg-mesa22-analisemercadoervamatebrasilrs.pdf>. Acessado em 10/06/18, às 15:30.

ROSENFELD, Cínara Lerrer; ALMEIDA, Marilis Lemos. Modelos de incubação e processos de interação em universidades no Brasil. IN: Inovação, território., e arranjos cooperativos: Experiências de geração de inovação no Brasil e na França. GUIMARÃES, S.M.K. (dir.); PECQUEUR, B. (dir.). Marseille: OpenEdition Press, 2015. Disponível em: book.openedition.org/oep/360.

SCHMITZ, Hubert. Eficiência coletiva: Caminho de Crescimento para a indústria de pequeno porte. Ensaio FEE. v.18, n.2, Porto Alegre, 1997

SCHUMPETER, Joseph Alois. (1982), Teoria do desenvolvimento econômico. Trad. Mari Sílvia Possas. São Paulo, Abril (col. Os Pensadores).

SCHUMPETER, J.A. A teoria do desenvolvimento econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

SEYFERTH, Giralda. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 149-197, Dec. 2004. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000200007&lng=en&nrm=iso. access on 31 May 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832004000200007>.

SOUZA, Adamo Alberto. A teoria dos jogos e as ciências sociais. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2002.

TARGA, L. R. P. . A originalidade do Rio Grande do Sul no Século XIX. In: 1º Encontro de Economia Gaúcha, 2002, Porto Alegre, 2002.

TARTARUGA, Iván G. Peyré. Inovação, território e cooperação: Um novo panorama da Geografia Econômica do Rio Grande do Sul. 2014. 334 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/106435>

VASCONCELLOS, F. C. F. Os impactos da criação do Mercosul no mercado de erva-mate no Rio Grande do Sul. 2012. 66 f. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Curso de Graduação em Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. ANÁLISE DO MERCADO DA ERVA-MATE NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL

VERDUM, Ricardo. Os riscos do neoextrativismo progressista. Boletim Orçamento & Política Ambiental, 23. Brasília, Instituto de Estudos Socioeconômicos, 2009c.

VERMELHO, Sônia Cristina; VELHO, Ana Paula Machado; BERTONCELLO, Valdecir. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. Educação e Pesquisa,

São Paulo, v. 41, n. 4, p. 863-881, dec. 2015. ISSN 1678-4634. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/108878/107324>>. Acesso em: 30 apr. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022015041612>.

VITORINO, Valdir Antonio Filho; SACOMANO, Mário Neto; ELIAS, Jorge José. Teoria dos Jogos: uma abordagem exploratória. Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.2, jul./dez. 2009.

WU, M. From weak ties to strong ties: community vs. social networks 3. Lithosphere, 22 jun. 2012. Disponível em: <http://lithosphere.lithium.com/t5/science-of-social-blog/From-Weak-Ties-to-Strong-Ties-Community-vs-Social-Networks-3/ba-p/6834> . Acesso em: 18 de junho de 2018.

YIN, Robert. Estudo de caso: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZUCOLOTO, Graziela Ferrero; CASSIOLATO, José Eduardo. Desenvolvimento tecnológico por empresas estrangeiras no Brasil e na Coreia do Sul*. Rev. econ. contemp., Rio de Janeiro , v. 18, n. 2, p. 210-240, Aug. 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-98482014000200210&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Apr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/141598481823>.